

O desafio de trabalhar com o Pastor Dr. João Filson Soren

Testemunho de Marcos Montenegro Viegas

Era uma tarde do ano de 1979. Seria um dia normal para mim, se não fosse o telefonema do meu pastor João Filson Soren querendo conversar comigo em seu gabinete pastoral.

E no dia seguinte, na hora marcada lá estava eu, presente, porém sem ter a mínima ideia de sobre o que o Dr. Soren queria tratar comigo. Quando eu entrei em seu gabinete, ele indo direto ao assunto, me fez o convite para que eu fosse trabalhar na secretaria da igreja.

Aceitei o convite com grande reconhecimento, porém sem perder o entendimento do que representaria para mim o desafio de trabalhar diretamente e diariamente com o Dr. Soren. Na época eu era um jovem de 21 anos de idade, no entanto, me lembro com detalhes daquele período de 6 anos que trabalhei na secretaria da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, ao lado do Pastor João Filson Soren.

Durante todo esse tempo que ali convivi com ele até seus últimos dias de pastorado, aprendi a admirá-lo, respeitá-lo e a entendê-lo melhor. A sua dedicação, seriedade, responsabilidade e seu amor à Igreja era algo que me fascinava. A convivência diária com ele foi uma experiência marcante para mim. Aprendi muito com ele. Pude vivenciar situações que me ajudaram a sedimentar minhas convicções cristãs, bem como constatar mais de perto a atuação de um homem eleito por Deus, em Santo Ministério, à frente da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro.

Nada escapava ao seu olhar atento e definidor. Ele conduzia a igreja com pulso forte. Era um pastor presente e por conseguinte sabia de tudo que acontecia no âmbito da igreja. Eu o defino como “engenheiro e operário” de uma grande edificação.

Gostaria de citar duas situações, do dia a dia na igreja, que comprovam essa definição:

1. Certa vez eu o encontrei lavando as mãos. E dirigindo-se a mim ele disse: “Marcos, precisamos providenciar a troca desta lâmpada aqui no banheiro”, apontando para o teto para que eu visse a lâmpada queimada. Saí do banheiro, não fui direto à secretaria e não demorei mais de dez minutos para voltar, no entanto, quando retornei, ele mesmo já estava conversando com o funcionário, orientando-o para providenciar a troca daquela lâmpada. Presenciando essa cena, eu tive a total percepção de que o Dr. Soren era um pastor diferenciado. Um pastor que se preocupava com a responsabilidade dos sermões proferidos no púlpito, com a vida de suas ovelhas, com o rumo da denominação e até com uma simples lâmpada queimada no banheiro da igreja.

2. Uma outra situação que ocorria no dia a dia da igreja, que na época estava muro a muro com o presídio do Estácio, era que toda vez que ele percebia a presença de alguma pessoa estranha nas dependências da igreja, ele imediatamente vinha me perguntar quem era aquela pessoa e que eu fosse lá verificar o que ela desejava. Quando eu voltava com a resposta, e algumas vezes eram circunstâncias duvidosas, o Pr. Soren me alertava dizendo: “fica de olho!”.

Até hoje atesto que o Pr. Soren além de pastor da igreja, era também um resoluto vigilante que cuidava da segurança do templo.

Eu me sinto privilegiado de ter sido ovelha do rebanho do Pr. Soren e de ter tido, por razão de minhas funções na secretaria da PIBRJ, um convívio diário com ele.

O Pastor Soren era um homem de poucas palavras, porém com forte poder dinâmico e visão.

Soren era um homem dotado de muitas qualidades. Destaco para o momento a sua capacidade de dinamizar e incentivar com argumentos fortes. Eu estava trabalhando na secretaria da igreja, quando a porta do gabinete pastoral se abriu, e em minha direção veio o Pr. Soren segurando algumas folhas de papel e uma caneta, a fim de confirmar nomes para uma lista que ele estava formulando.

Tratava-se de uma lista com nomes que ele próprio escolhera, para integrar a equipe que auxiliaria os diáconos a realizar o serviço de ceia e as coletas de ofertas nos cultos no santuário. Ao terminar a conferição dos nomes, ele me comunicou que eu também estava incluído nessa lista.

A minha primeira reação foi de espanto, e na falta de argumentos para o momento fui logo dizendo ao Dr. Soren: "Mas eu nem tenho terno, pastor...".

A sua resposta foi imediata: "Você vai ficar muito elegante de terno". Sem mais palavras, ele saiu da secretaria e, como era hábito, fechou a porta intermediária para o seu gabinete.

Trabalhava comigo na secretaria da igreja a irmã Ruth Santos, que foi logo fazendo graça me dizendo que eu havia sido promovido a auxiliar de diácono. Enquanto ríamos sobre a situação, a porta do gabinete pastoral se abriu novamente e o Pr. Soren com um olhar de preocupação me disse:

"Se você tiver dificuldade para comprar o terno, me avisa que eu tenho a solução" e voltou para o seu gabinete.

Ele presumindo que eu tivesse alguma dificuldade financeira para comprar o terno e colocasse isso como um segundo bom argumento, foi logo dando a solução.

Resumindo, eu não tive saída. Abri um crediário e comprei um belo terno.

(E ele tinha razão... fiquei mesmo muito elegante de terno!)

O resultado mais valioso deste processo foi a oportunidade que tive de servir a Ceia do Senhor na PIB-RJ, que era sempre um momento de grande significado espiritual para toda a membrasia da igreja. O Pr. Soren, em suas "Meditações sobre a Ceia do Senhor", convocava os crentes a fazerem uma auto-avaliação de sua vida cristã e refortalecia-nos na comunhão com o nosso Senhor Jesus Cristo.

Foi uma experiência marcante para mim participar de momentos de culto tão reverentes e enriquecedores. Por esta razão sou muito agradecido ao Pastor Soren pela oportunidade que ele me concedeu de atuar na distribuição do pão e do vinho durante a Ceia do Senhor.

A Reverência no Templo

O Pr. João Soren sempre zelou pela postura com que as pessoas deveriam conduzir-se na igreja. Não falar alto nas dependências do templo, evitar de correr nos corredores, não circular de short ou bermudas, eram orientações que ele passava.

Funcionava, nas dependências do templo, a Escola Vitoria. Quando havia festividades da escola e os pais eram convidados a participar da programação, o cuidado era redobrado por parte do Pr. Soren. Ele mesmo se encarregava de orientar para que os parentes e amigos dos alunos se comportassem de forma adequada, lembrando a eles que estavam no ambiente escolar dentro da igreja.

Certa tarde, havia uma festividade na escola e um grande número de pais e parentes estavam do lado de fora da igreja, aguardando a abertura dos portões. Quando foi dada a ordem para a abertura dos portões, a multidão veio correndo em disparada a fim de conseguir o melhor lugar para assistir a programação.

Ao ver aquela desordem no pátio da igreja, vindo em direção à porta de entrada do templo, o Pr. Soren imediatamente me deu ordem para fechar a porta. Aquele mar de pessoas se acotovelavam junto a porta de entrada do templo e, gritando, pediam para que fosse aberta.

Foi então que ele mesmo, Pastor Soren, se encarregou de abrir a porta. Segurando-a firmemente, colocou-se na frente da porta e deu uma “carraspana em dó maior”, termo usado por ele quando referia-se a severas advertências. Ele pediu que todos ficassem calmos e ouvissem o que ele tinha a dizer.

Lembro-me como se fosse hoje, o Dr. Soren se dirigindo aquelas pessoas com voz firme:

“Quero lembrar a todos que aqui é uma igreja! Vocês vão participar de uma atividade na escola da igreja. Vocês não estão em um estádio de futebol. Portanto, quando eu abrir esta porta, quero ver todos entrando como pessoas civilizadas. Não quero ver correria como se fosse o estouro de uma boiada”.

Ele em seguida abriu a porta lentamente dando passagem e as pessoas foram entrando. Na medida em que todos entravam, bem mais tranquilos, o Dr. Soren repetia: “muito bem, andando devagar como pessoas civilizadas, sem pressa”.

O cuidado para não maltratar a língua portuguesa.

O Pr. Soren sempre foi muito atento com o conteúdo da publicação de textos em jornais internos da PIB-RJ.

No período em que eu trabalhei na secretaria da igreja, eu era o responsável pela reprodução de todo material gráfico. Os jornais das uniões e demais publicações de organizações internas da igreja, eram feitos em máquina de reprodução xerox.

Havia uma determinação do Pr. Soren que toda e qualquer copia que fosse solicitada através da secretaria da igreja, primeiramente teria que passar por ele. Ele tinha paciência de ler, sem exceção, todos os artigos.

Até os folhetos com os cânticos entoados nas Uniões de Treinamento ele olhava e fazia alterações, quando percebia que havia erro de concordância ou erro gramatical. Sobretudo não permitia equívocos doutrinários.

Certa vez eu estava operando a maquina xerox, quando o Pr. Soren me solicitou cópias de 1 documento, e ele disse: “Por favor faça 4 cópias e mais uma”. E eu disse: “então são 5, certo?”

“Exatamente” respondeu ele, explicando que falou assim para evitar o cacófago de falar cinco cópias.

Assim era o Pastor Dr. João Filson Soren, tinha cuidado até para não maltratar a língua portuguesa.

Marcos Montenegro Viegas é membro da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. Foi batizado pelo pastor Soren e, durante seis anos, trabalhou ao seu lado, diariamente, na secretaria da Igreja. Foi presidente por anos consecutivos do CNS, Coro Nicéa Soren, que na época contava com mais de 100 vozes jovens participantes nos cultos e em apresentações de cantatas modernas. Atuou nas Uniões de Treinamento e nas organizações Evangelismo ao Ar Livre e Cultos no Presídio, da PIBRJ.